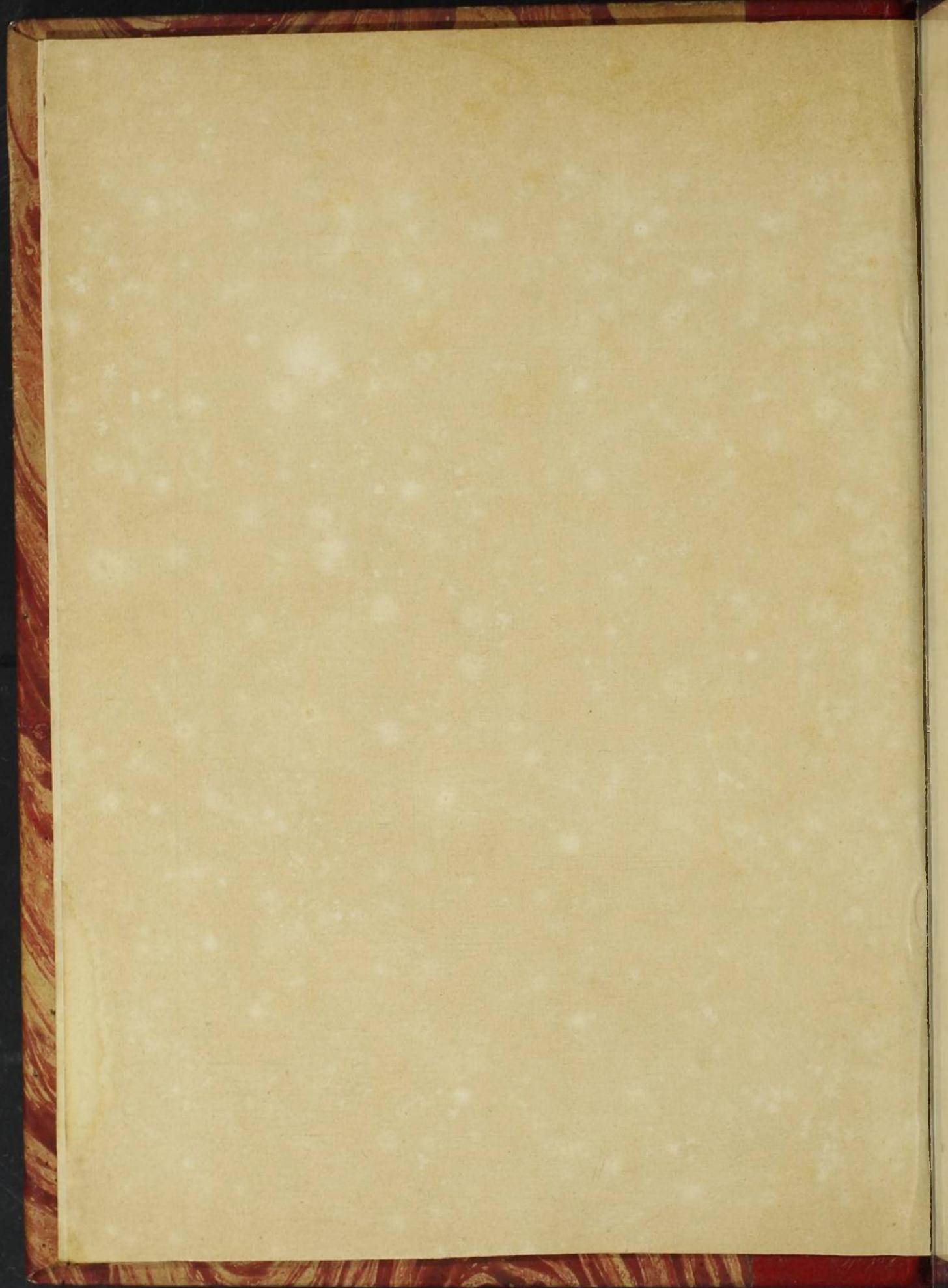


186



# Cinco de Maio

---

## ODE HEROICA

DE

*ALEXANDRE MANZONI*

E

TRES VERSÕES EM PORTUGUEZ

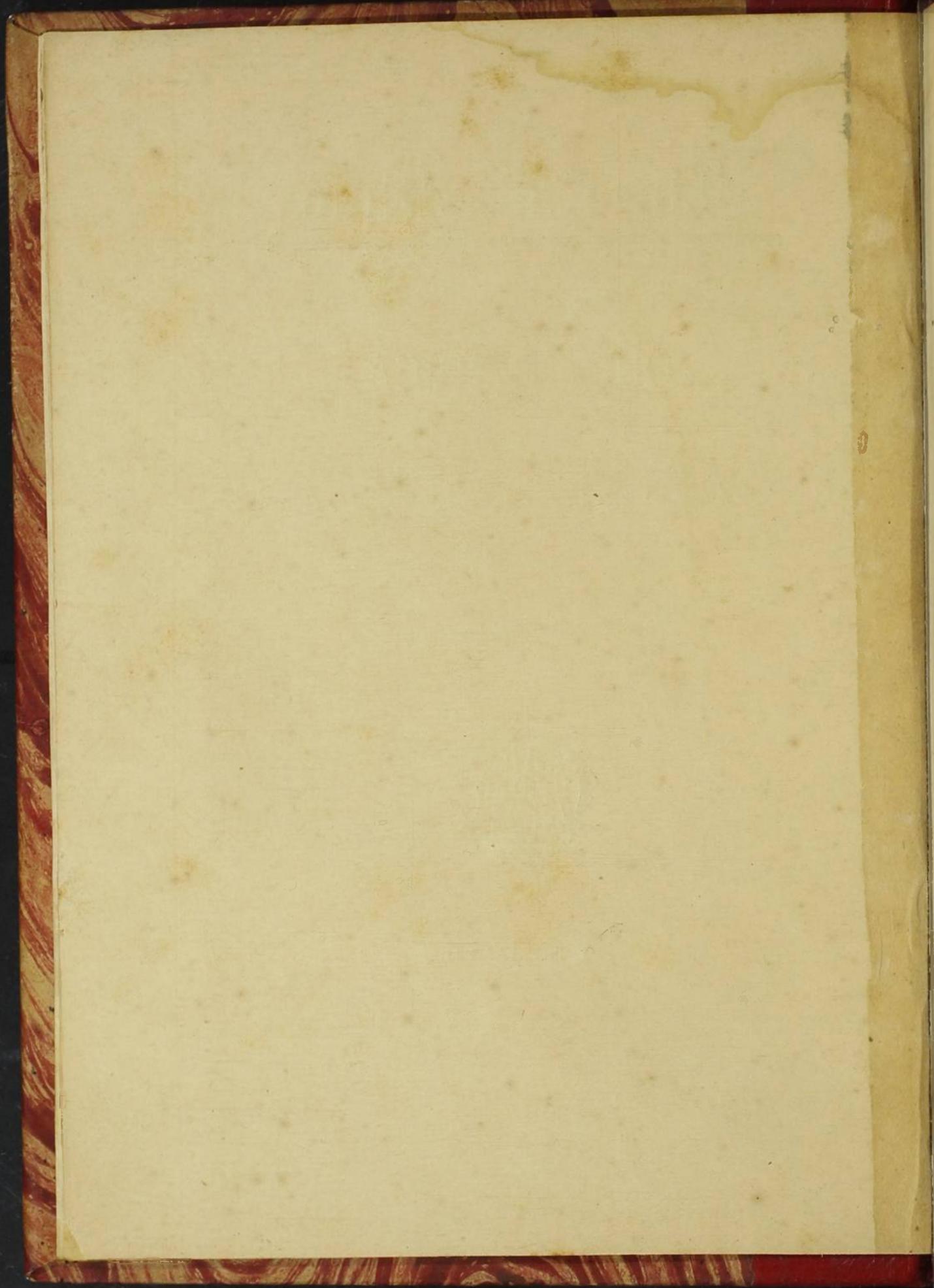


*Claudio*



RIO DE JANEIRO

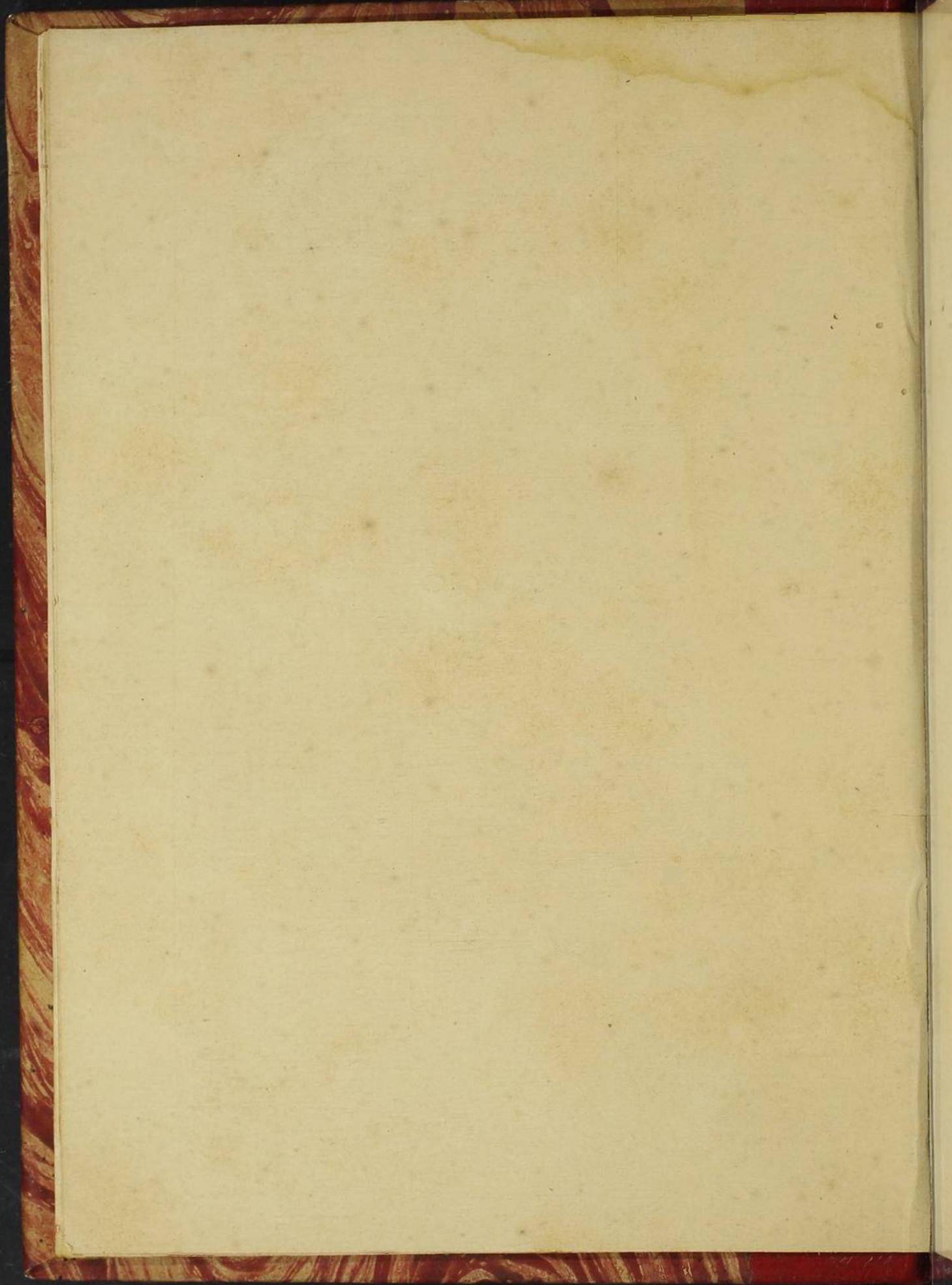
1885





PROEMIO







**C**OMPLETAM-SE hoje 64 annos que, desterrado em um rochedo visinho da Africa, no meio do Oceano Atlantico, exhalou o derradeiro alento um dos homens mais extraordinarios que a historia rememora.

Quem fôra imperador do mais bello paiz da Europa, senhor do mundo, árbitro das nações, chefe e terror dos soberanos <sup>(1)</sup> alli se finou, prisioneiro, humilhado, longe da patria, cruelmente separado da espôsa e do filho, e de quan-

(1) . . . meteoro fatal às régias fronte!  
. . . . .  
. . . . . heroe de mil batalhas  
Que o destino dos reis nas mãos continha,  
. . . heroe que c'o a ponta de seu gladio  
No mappa das nações traçava as raias.

D. J. G. DE MAGALHÃES, *Napoleão em Waterloo*. (*Suspiros poeticos e saudades*, Vienna, 1865, pp. 259 e 260.)

tos lhe eram caros pelo sangue e pelo affecto, affligido de todas as amarguras que podem torturar o coração humano, privado de soccorros, quasi abandonado...

O *homem fatal*, o ente predestinado, o enviado da Providencia, havia cumprido a sua missão. Depois de prolongada agonia, Napoleão o Grande cessou de soffrer a *5 de Maio* de 1821.

Esta situação tão pungente e tão altamente dramatica commoveu todos os espiritos e infundiu então, e por largos annos ainda, o estro dos mais notaveis engenhos poeticos do nosso seculo.

Nenhum poeta, porém, logrou a fortuna de Alexandre Manzoni; e com quanto o assumpto fôsse verdadeiramente inspirador, nem por isso Delavigne, Béranger e o proprio Byron conseguiram vencer o grande lyrico italiano. <sup>(1)</sup>

Quando Manzoni recebeu a noticia da morte de Napoleão, achava-se no jardim da

(1) ROVANI, *La Mente di Al. Manzoni*, (Milano, 1873) p. 26.

sua residencia de Brusiglio, e, vivamente impressionado, retirou se para o seu gabinete, onde desde logo começou a traçar a ode monumental que tres dias depois estava completa— «tres dias, por assim dizer, de convulsão, em que se sentiu exausto.» (1)

Não a podendo publicar sem licença da censura austriaca (o reino lombardo-veneziano estava então, e ainda permaneceu muitos annos, sob o dominio da casa de Hapsburgo, como todos se recordam), e prevendo que lhe seria negada, usou o poeta um feliz stratagem para a sua vulgarisação. Em vez de mandar uma só cópia, como era costume, mandou duas, contando que algum dos empregados da policia ficasse com uma para mostrar confidencialmente.

Assim aconteceu: a censura recusou a licença, e guardou cuidadosamente um exemplar. O outro desencaminhou-se; mas no dia

(1) V. *Epistolario di Al. Manzoni*, raccolto e annotato da Giovanni Sforza (Milano, 1882), vol. I, lett. a Cesar Cantù, p. 466.

seguinte a poesia condemnada circulava em toda Milão, sem que o auctor podesse ser inculpado por isso. (1)

Recebida diversamente pelos sectarios das duas escholas *classica* e *romantica*, cuja lucta era então tenaz e vivissima, a ode de Manzoni (o auctor era considerado chefe dos românticos na Italia) achou detractores implacaveis e arden-tes entusiastas.

Vertido em allemão por Goethe (2), imitado em francez por Lamartine (3), julgado intraduzivel por Longfellow (4), o *Cinco de Maio*, « uma das mais bellas lyricas do nosso seculo... digno

(1) « L'Austria aveva tosto riconosciuto nel *Cinque Maggio* del Manzoni un omaggio troppo splendido al suo temuto nemico, che pareva come evocato dal suo sepolcro, in quelle strofe potenti. » — ANG. DE GUBERNATIS, *Alessandro Manzoni*, studio biografico (Firenze, 1879), p. 209.

(2) O autor do *Fausto* leu a sua traducção á côrte de Weimar em 8 de Agosto de 1822, e publicou-a pouco depois com o texto italiano no seu periodico *Ueber Kunst und Alterthum*, vol. 4º, pp. 182 a 188. V. *Opere inedite o rare di Al. Manzoni* (Milano, 1883), vol. 1, p. 15, not.

(3) Em uma carta ao seu amigo De Virieu, o cantor do *Jocelyn* escreveu esta phrase significativa: « Je voudrais l'avoir faite. » V. DE GUBERNATIS, op. cit., p. 209, not. »

(4) *Ibidem*.

epilogo poetico de uma grande epopéa historica » (1), fez em breve o gyro do mundo; e a prophesia do auctor, de que compuzera

.....*un cantico*  
*Che forse non morrà* (2),

vai sendo de todo o ponto realizada.

Os annos decorrem, e a admiração por este bellissimo carne não cessou ainda; antes augmenta cada dia, não só na Italia como nos paizes extranhos.

« E' um côro pleno de vozes unisonas, e entre estas que vozes! Muitas d'ellas resoam ainda, e outras continuamente se lhe ajunctam » (3).

Na Italia, alem dos criticos já citados, o professor G. Rigutini considera o *Cinco de Maio*

(1) DE GUBERNATIS, op. cit., pp. 208 e 210.

(2) *Cinque Maggio*, str. 4.<sup>a</sup>

(3) C. A. MESCHIA, no prefacio das *Ventisette traduzioni* (de que adeante nos occuparemos), p. XII.

« exemplo estupendo de lyrica heroica » (1); e De Sanctis classifica-o « composição epica em formas lyricas » (2).

Em Hespanha D. José Llausás chama-a « a grande ode esculptural do seculo » (3); em Portugal o Sr. Latino Coelho conceitua-a como « saudação sublime », e Rebello da Silva reputa-a « uma das páginas admiraveis d'este seculo ». (4)

E quantos escriptos, quantos livros se publicam, estudando e analysando esta ode extraordinaria, nos quaes se presta verdadeiro culto ao seu egregio auctor !

Sem nos fazermos cargo de mencionar as numerosas chrestomathias e anthologias poeticas que frequentemente apparecem na Italia, apon-

(1) É este o trecho por inteiro : « Ecco il *Cinque Maggio*, esempio stupendo di lirica eroica, dove la storia dei fatti e delle vicende meravigliose e terribili del grande capitano è siffattamente condensata e con tanta rapidità d'immagini di stile tratteggiata, che ti percuote l'animo di stupore » — *Crestomazia Italiana della poesia moderna* (Firenze, 1880) p. CII.

(2) *Stor. della Letter. ital.*, vol. II, p. 466.

(3) *El Cinco de Mayo* (Barcelona, 1879), p. 101.

(4) *Poetas lyricos da geração nova* (*Revista Peninsular*, II, p. 442).

taremos apenas os trabalhos monographicos, de que temos conhecimento.

Angelo de Gubernatis publica a *5 de Maio* de 1879 o seu *Studio biografico* ácerca de Alexandre Manzoni, onde se nos depara larga notícia do poema de que tractâmos. Em 1882 Gregorio di Siena completa o seu copioso e interessantissimo volume de estudos philologico-criticos intitulado: *Alessandro Manzoni e il Cinque Maggio* <sup>(1)</sup>; e logo no seguinte anno Rogerio Bonghi entrega ao exame público, « para o estudo *genetico* das estrophes » <sup>(2)</sup>, a cópia autographica da famosa ode <sup>(3)</sup>, no 1.º volume das *Obras ineditas ou raras* do poeta illustre.

(1) Napoles, 8º de xxxvii—333 pp.

(2) Phrase expressiva de uma carta de Manuel de Mello, tão prematuramente roubado ás letras, publicada na *Gazeta de Noticias* de 17 de Fevereiro de 1884, 2ª pag., 6ª col.

(3) Por felicidade rara conservou-se até hoje o rascunho original, e d'elle se depreheende perfeitamente o estado febril e agitado em que Manzoni se achava ao compor a ode celebrada, sob a impressão psychica do luctuoso successo. Foi um serviço a reprodução fiel d'este precioso autographo, bem como a de outros não menos valiosos que enriquecem o vol., impresso sob o titulo: *Opere inedite o rare di Al. Manzoni*, publicate per cura di Pietro Brambilla da Ruggerio Bonghi, vol. I, Milano, 1883.

E para terminar, nesse mesmo anno o Sr. C. A. Meschia colligiu em um elegante volume as differentes versões de que teve conhecimento, ao qual deu o titulo: *Ventisette traduzioni in varie lingue del Cinque Maggio di Alessandro Manzoni* (1).

O livro é precedido de um estudo do collector: *Cenni intorno all' ode Il Cinque Maggio*. Segue-se o texto italiano e vêem depois as traducções nesta ordem:

I. *Em latim:*

- 1.<sup>a</sup> De Erifante Eritense (Pietro Soletti)
- 2.<sup>a</sup> — Angelo Bonuccelli
- 3.<sup>a</sup> — Francesco Pavesi
- 4.<sup>a</sup> — Antonio Rota
- 5.<sup>a</sup> — Federico Callori
- 6.<sup>a</sup> — Giuseppe Vaglica

(1) A 1.<sup>a</sup> linha da pag. do rosto traz a data — *MAGGIO MDCCCLXXXIII*. O livro foi impresso em Foligno, stabilimento Feliciano Campitelli, em 4.<sup>o</sup> de xv—136 pp. e mais 2 de indice e errata.

*II. Em francez:*

- 7.<sup>a</sup> De Antoine De Latour (*em prosa*)  
8.<sup>a</sup> — Marc Monnier  
9.<sup>a</sup> — M. Villemain (*em prosa*)

*III. Em hespanhol:**A. Castelhana:*

- 10.<sup>a</sup> De Rubi  
11.<sup>a</sup> — Cañete  
12.<sup>a</sup> — Garcia de Quevedo Venezolano  
13.<sup>a</sup> — Hartzenbusch, 1.<sup>a</sup>  
14.<sup>a</sup> —       »       , 2.<sup>a</sup>  
15.<sup>a</sup> — Marti y Folguera  
16.<sup>a</sup> — José Llausás

*B. Catalão:*

- 17.<sup>a</sup> De Marti y Folguera

*IV. Em portuguez:*

- 18.<sup>o</sup> De José Ramos Coelho  
19.<sup>a</sup> — D. Pedro de Alcantara (*D. Pedro II.*)

*V. Em allemão :*

- 20.<sup>a</sup> De Wolfgang Goethe  
 21.<sup>a</sup> — August Ferdinand Ribbeck  
 22.<sup>a</sup> — F. H. Karl De la Motte Fouqué  
 23.<sup>a</sup> — Karl Giesebrecht  
 24.<sup>a</sup> — August Zeune  
 25.<sup>a</sup> — Fr. Rempel  
 26.<sup>a</sup> — Emilie Schröder  
 27.<sup>a</sup> — Paul Heyse

*VI. Em inglez :*

- 28.<sup>a</sup> De Edward Derby.

São portanto 28 e não 27 traducções, porque o Sr. Meschia provavelmente contou como uma só as duas do poeta hespanhol Hartzenbusch, aliás tão diferentes entre si.

Temos pois :

Latinas.....	6
Francezas....	3
Castelhanas ..	7
	<hr/>
	16

Transporte...	16
Catalan.....	1
Portuguezas..	2
Allemands ....	8
Ingleza ... ..	1
	<hr/>
	28 (1)

Das portuguezas, a do Sr. José Ramos Coelho era já ha muito lida no seu apreciado livro de *Novas Poesias*; porém a de S. M. o Imperador do Brazil cremos ser inteiramente desconhecida de quasi todos os leitores, tendo sido apenas ouvida de raros intimos nas palestras

---

(1) Referindo-se á sua collecção, o Sr. Meschia diz que está bem longe de ser completa. « Faltam-lhe algumas traducções que me chegaram muito tarde, outras que me foram promettidas e ainda não as recebi, e mais outras para cuja impressão faltavam ao estabelecimento typographico os caracteres proprios. Entre estas ultimas, duas em armenio, muito estimaveis, a juizo de orientalistas competentes. E quantas não terão escapado ás minhas pesquisas? — Tendo intenção de fazer dentro em pouco nova edição, rogo vivamente a todos aquelles que conheçam taes traducções o favor de m'as indicar, ou mandar-m'as copiadas. (Direcção: *Presso il R. Liceo-Ginnasio Ennio Quirino Visconti*, ROMA.) » Pag. XII, 2<sup>a</sup> nota.

litterarias de S. Christovam. O livro onde se estampou não o possuem as bibliothecas publicas d'esta capital, e tão pouco se encontra aqui á venda em casas de livreiros.

Logo é pois uma incontestavel novidade litteraria, um mimo precioso a régia traducção com que hoje brindâmos, neste breve opusculo, o público intelligente.

Addicionâmos a versão do fallecido Visconde de Porto-Seguro, (F. A. de Varnhagen) impressa na 2<sup>a</sup> serie de *Lysia Poetica*, edição exhausta e livro já pouco commum.

Se as nossas diligencias forem coroadas de bom exito, alcançando outras traducções que consta ainda haver em portuguez, dal-as hemos em nova edição, esgotada que seja esta, tornando assim mais avultada em numero e quissá em importancia a homenagem dos poetas da lingua de Garrett e Gonsalves Dias ao glorioso escriptor que tanto honra a patria de Virgilio e de Dante Alighieri.

---

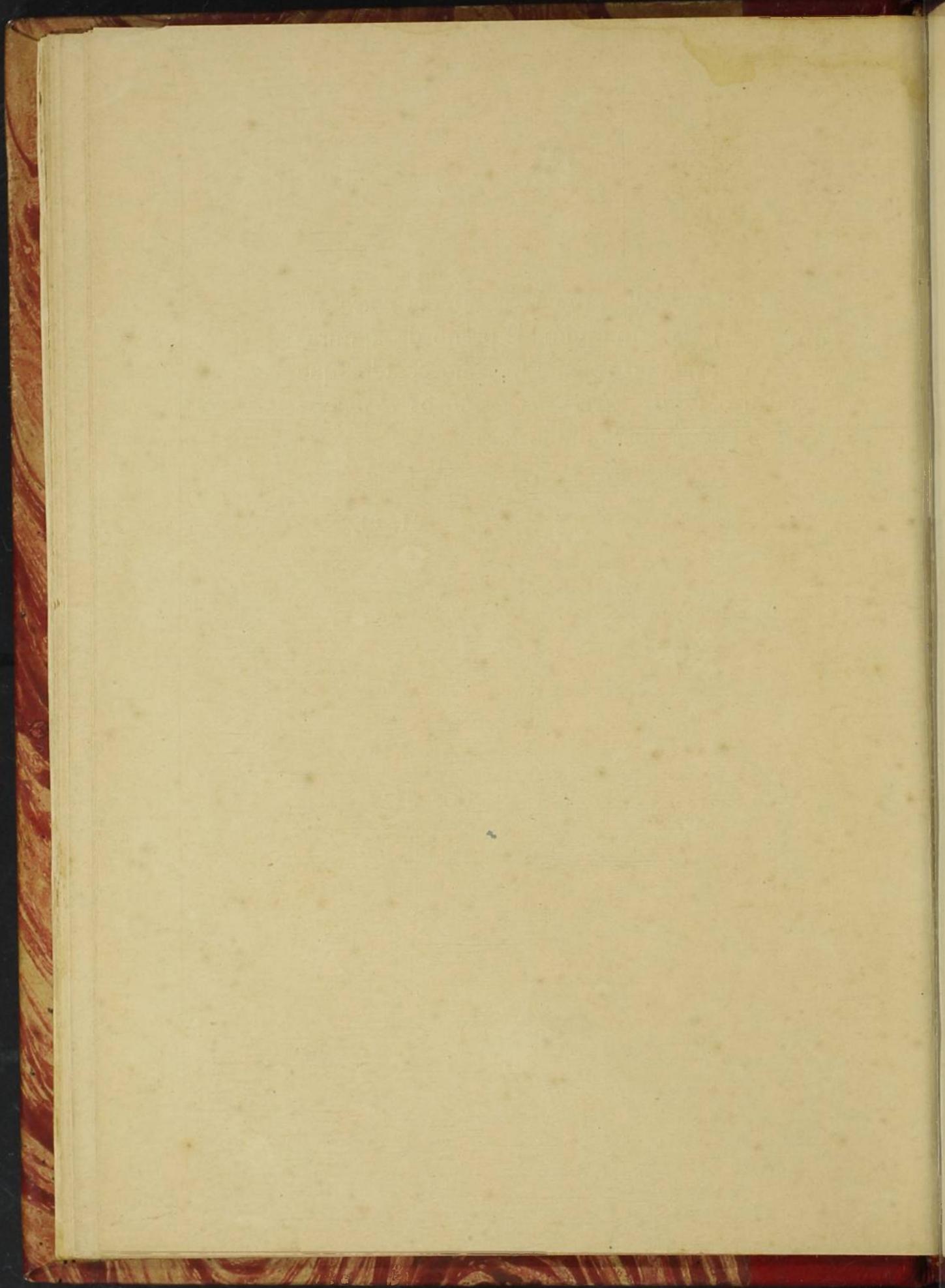
\*

Este opusculo apparece no dia *cinco de Maio* de 1885 como humilde preito de admiração convencida ao potente ingenho creador que nos deu o *Conte di Carmagnola*, os *Promessi Sposi* e tantas obras immortaes.

M. O.

Rio de Janeiro, **5 de Maio** de 1885.







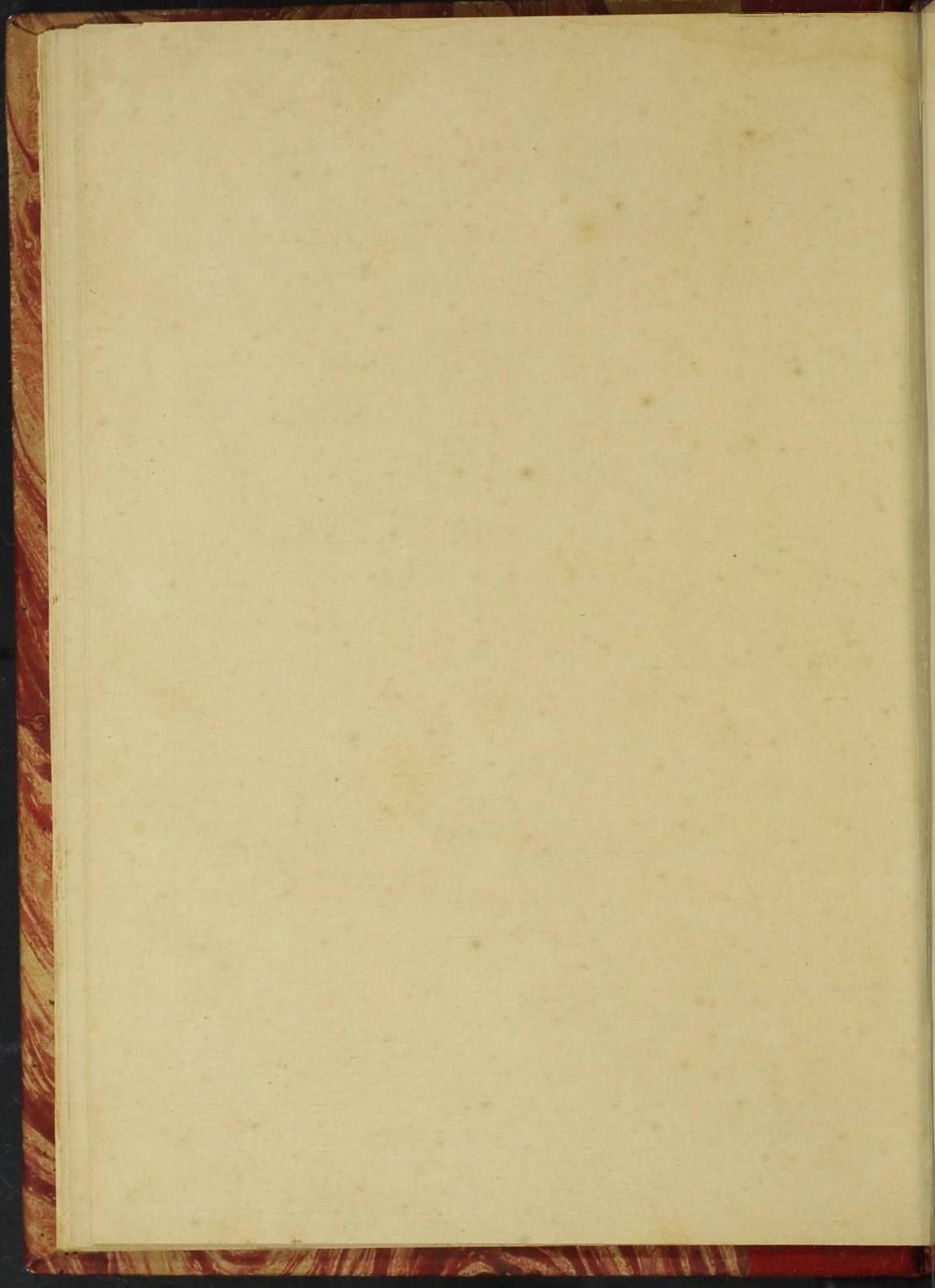
IL CINQUE MAGGIO

ODE

DI

Alessandro Manzoni







IL CINQUE MAGGIO

ODE

**E**l fu. Siccome immobile,  
Dato il mortal sospiro,  
Stette la spoglia immemore  
Orba di tanto spiro,  
Così percossa, attonita  
La terra al nunzio sta,

Muta, pensando all'ultima  
Ora dell'uom fatale ;  
Ne sa quando una simile  
Orma di piè mortale  
La sua cruenta polvere  
A calpestar verrà.

*Lui folgorante in solio  
Vide il mio genio e tacque ;  
Quando, con vece assidua,  
Cadde, risorse, e giacque,  
Di mille voci al sonito  
Mista la sua non ha :*

*Vergin di servo encomio  
E di codardo oltraggio,  
Sorge or commosso al subito  
Sparir di tanto raggio ;  
E scioglie all'urna un cantico  
Che forse non morrà.*

*Dall'Alpi alle Piramidi,  
Dal Manzanarre al Reno,  
Di quel sicuro il fulmine  
Tenea dietro al baleno ;  
Scoppiò da Scilla al Tanai,  
Dall'uno all'altro mar.*

*Fu vera gloria? Ai posteri  
L'ardua sentenza: nui  
Chiniam la fronte al Massimo  
Fattor, che volle in lui  
Del creator suo spirito  
Più vasta orma stampar.*

*La procellosa e trepida  
Gioia d'un gran disegno,  
L'ansia d'un cor che indocile  
Serve pensando al regno;  
E il giunge, e tiene un premio  
Ch'era follia sperar;*

*Tutto ei provò: la gloria  
Maggior dopo il periglio,  
La fuga e la vittoria,  
La reggia e il tristo esiglio:  
Due volte nella polvere,  
Due volte sull' altar.*

---

*Ei si nomò : due secoli,  
L'un contro l'altro armato,  
Sommessi a lui si volsero,  
Come aspettando il fato ;  
Ei fe' silenzio, ed arbitro  
S'assise in mezzo a lor.*

*E sparve, e i di nell'ozio  
Chiuse in sì breve sponda,  
Segno d'imemnsa invidia  
E di pietà profonda,  
D'instinguibil odio  
E d'indomato amor.*

*Come sul capo al naufrago  
L'onda s'avvolve e pesa,  
L'onda su cui del misero,  
Alta pur dianzi e tesa,  
Scorrea la vista a scernere  
Prode remote invan ;*

*Tal su quell'alma il cumulo  
Delle memorie scese !  
Oh quante volte ai posteri  
Narrar sè stesso imprese,  
E sull' eterne pagine  
Cadde la stanca man !*

*Oh quante volte, al tacito  
Morir d'un giorno inerte,  
Chinati i rai fulminei,  
Le braccia al sen conserte,  
Stette, e dei dì che furono  
L'assalse il souvenir !*

*E ripensò le mobili  
Tende, e i percossi valli,  
E il lambo de' manipoli,  
E l'onda dei cavalli,  
E il concitato imperio,  
E il celere ubbidir.*

*Ahi! forse a tanto strazio  
Cadde lo spirto anelo,  
E disperò; ma valida  
Venne una man dal cielo,  
E in più spirabil aere  
Pietosa il trasportò;*

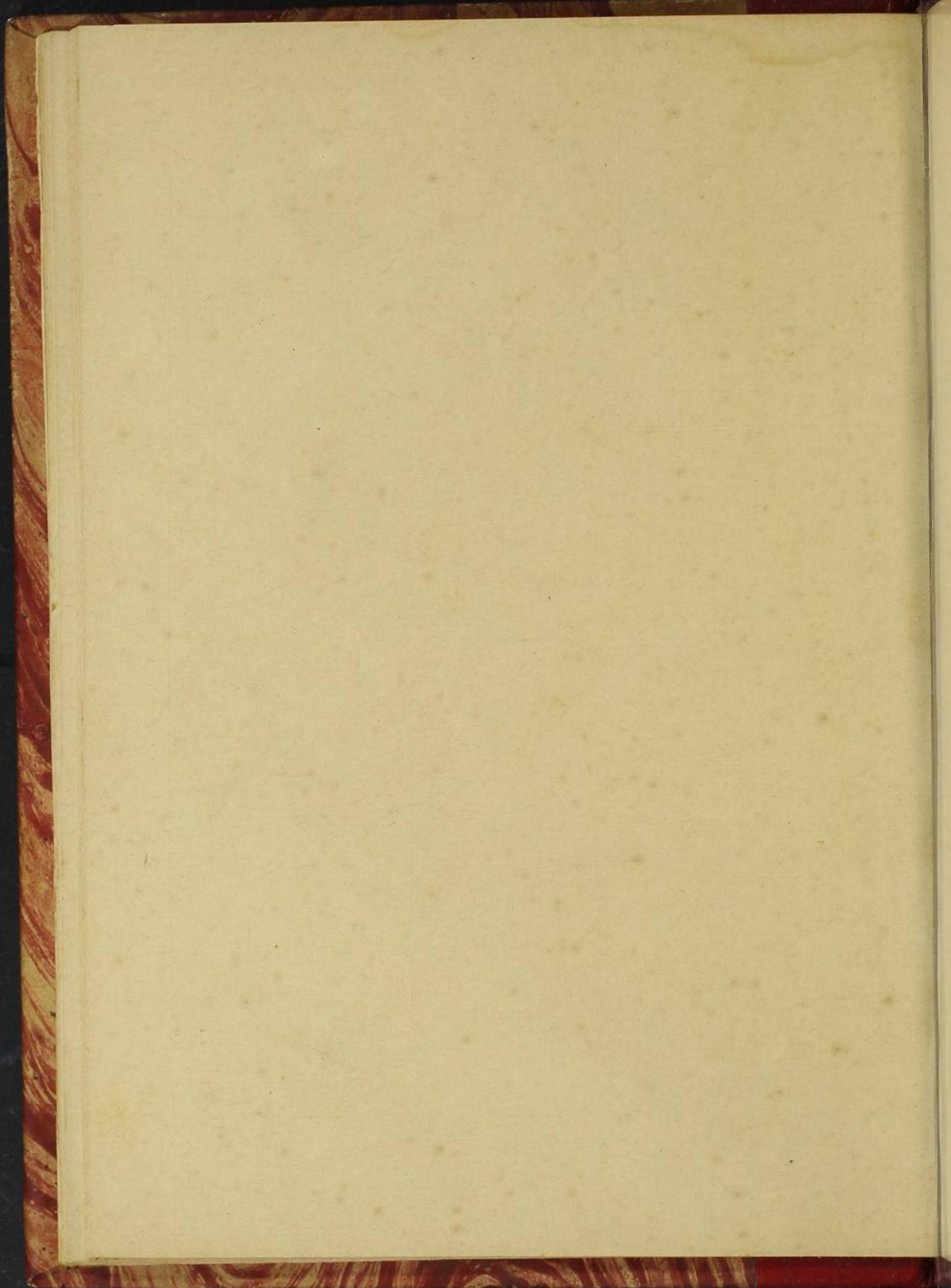
*E l' avvidò, pei floridi  
Sentier della speranza,  
Ai campi eterni, al premio  
Che i desidéri avanza,  
Dov' è silenzio e tenebre  
La gloria che passò.*

*Bella Immortal! benefica  
Fede, ai trionfi avvezza!  
Scrivi ancor questo, allegrati;  
Chè più superba altezza  
Al disonor del Gulgota  
Giammai non si chinò.*

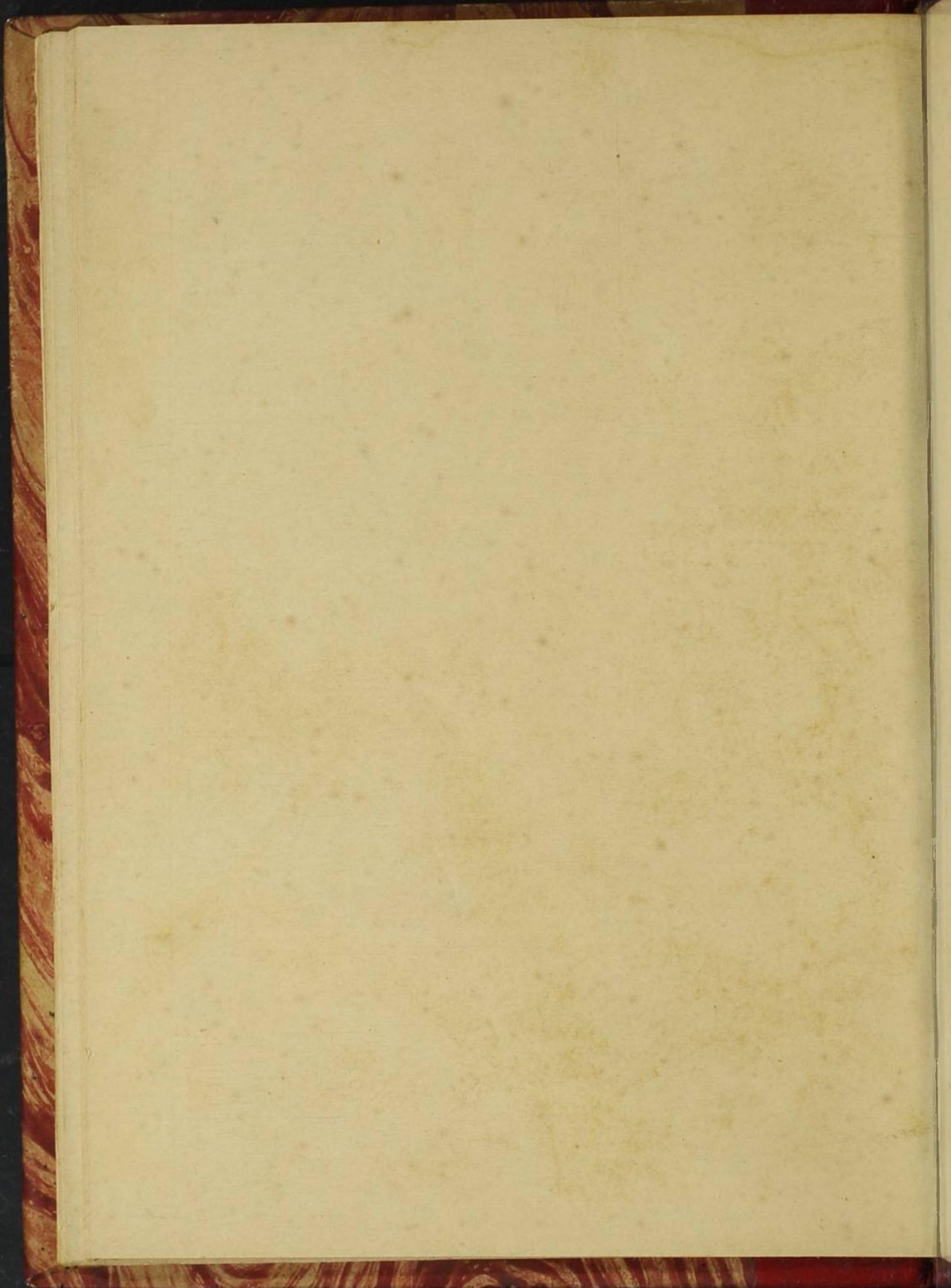
---

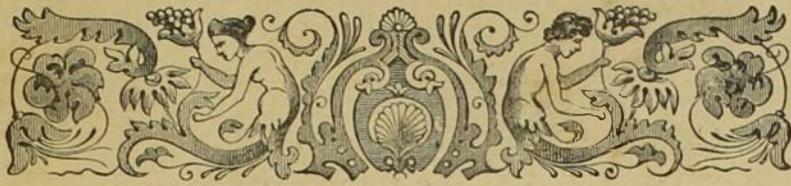
*Tu dalle stanche ceneri  
Sperdi ogni via parola :  
Il Dio che atterra e suscita,  
Che affanna e che consola,  
Sulla deserta coltrice  
Accanto a lui posò.*





VERSÕES EM PORTUGUEZ





Á MORTE DE NAPOLEÃO

(5 DE MAIO)

(DE FRANCISCO A. DE VARNHAGEN)

**M**ORREU. E, como estátua,  
Desde o lethal suspiro,  
O corpo jaz inanime,  
Sem mais soltar respiro.  
Assim, percussa, attonita,  
Co'a nova, a terra está,  
Muda, a pensar na última  
Humana hora fatal ;  
Crê que jamais tão sólida  
Planta de pé mortal  
Seu pó cruento, impavida,  
A recalcar virá.

Calado o viu meu genio  
C'o sceptro refulgido. (1) (\*)  
Logo, com sorte vária,  
Cai; recai, mal surgido;  
E que ao clamor unanime  
Se uniu ninguem dirá.

Virgem de abjecto encómio  
E de ultrage covarde,  
Agora surge, ao subito  
Cessar de tanto alarde;  
E á tumba off'rece um cantico  
Que ha de viver, quissá.

Dos Alpes ás Pyramides,  
Do Rheno ao Manzanares,  
Qual rapido relampago,  
Qual raio, fende os ares,  
De Scylla até ao Tanais,  
Desde um a outro mar.

(\*) Os versos que levam algarismos são aquelles para que ha as variantes transcriptas no fim da nota C deste opusculo.

Foi véra glória? Os posteros  
Que sentenceiem. Nós  
Saudemos o Altissimo,  
Que a este mundo o impôz.  
Seu creador espirito  
Quiz tal prodigio obrar.

O procelloso e trépido  
Gosar de vastos planos,  
Do nobre peito as âncias  
A um reino entre os humanos  
Logrou feliz, com premios  
Insanos de idear. (²)

Teve de tudo: a glória,  
Maior sôbre o perigo;  
A fuga e a victória;  
O solio e o triste abrigo; (³)  
Duas vezes ver-se infimo;  
Duas vezes sôbre o altar.

Assoma. Eis dous seculos,  
Um contra o outro armado,  
Prostram-se perante o inclyto,  
Aguardando-lhe o fado. (†)  
Silencio impôz, e, árbitro,  
Entre ambos se sentou.

Cahiu. E o fôrçado ocio  
Em apertada scena,  
De invejas seio pródigo,  
De piedade e de pena,  
De inextinguivel ódio,  
E duro amor, passou.

Qual sôbre o corpo ao náufrago  
Se envolve e pesa a vaga,  
Vaga em que ha pouco o misero,  
(Que ella ja todo alaga)  
Abria os olhos, avidos  
De avistar terra em vão,

Assim sôbre a alma o cúmulo  
Lhe pesa dos seus actos.  
Oh ! quanta vez aos posthumos  
Tentou narrar os factos,  
E sôbre a eterna página  
Tombou-lhe ignava a mão !

Oh ! quanta vez, ao tacito  
Morrer de inerte dia,  
Baixando o olhar fulmineo,  
Os braços cruzaria,  
E seus dias preteritos  
Viria a recorrer !

Lembram-lhe as tendas bellicas,  
E os valles retumbando.  
O trotar dos quadrupedes,  
E os ferros scintillando,  
E o provocado imperio,  
E o presto obedecer.

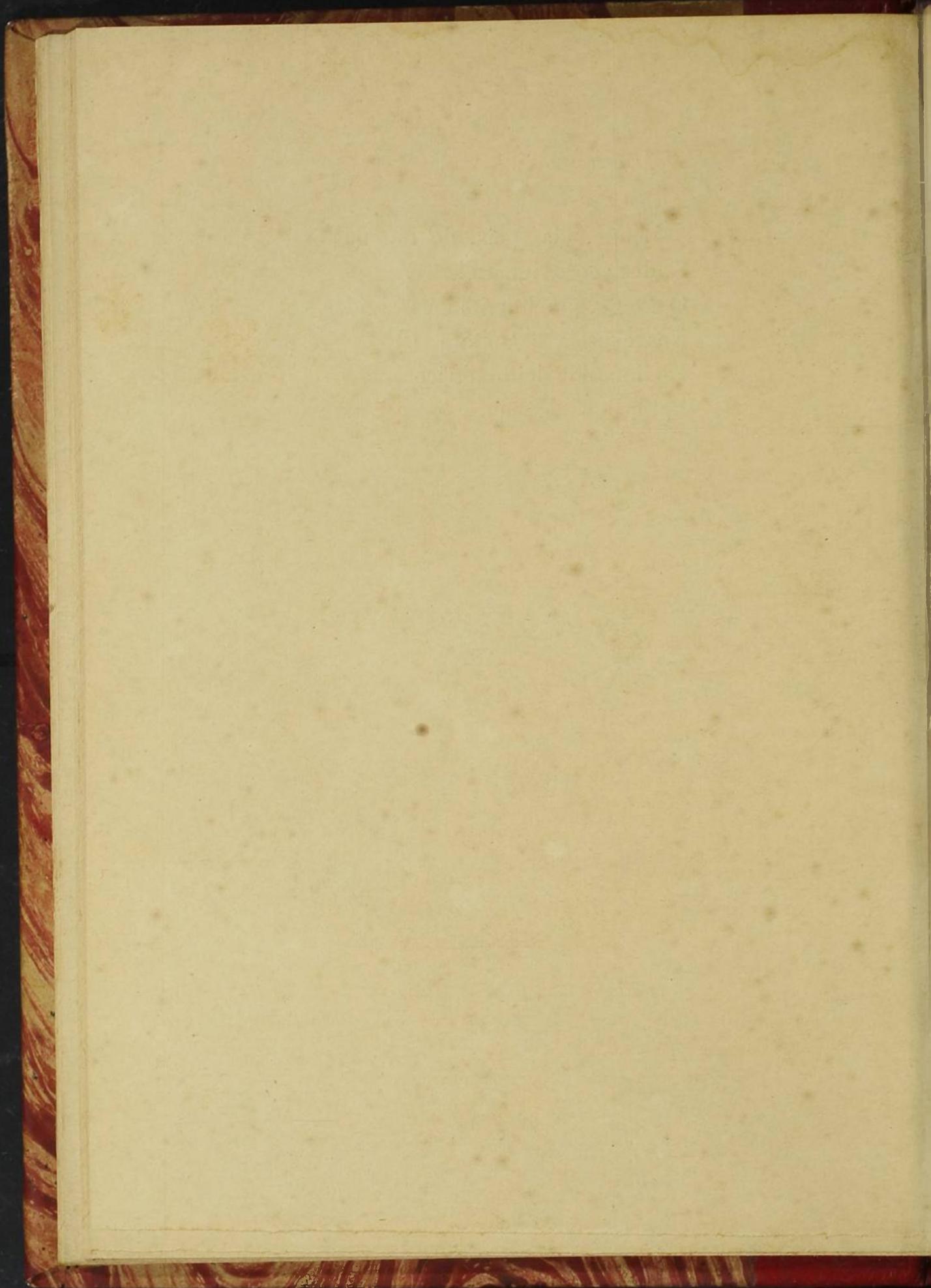
Ai! que talvez o ânimo,  
Fallecido de alento,  
Desespera. Eis válido  
Braço do ceu, com tento, (5)  
A auras mais placidas  
Piedoso o transportou.

Guiou-o ás flóridas  
Sendas da esperança,  
Ao campo eterno, ao prémio  
Que os humanos avança, (6)  
Onde ha silencio funebre  
Da glória que findou.

Bella, immortal, benefica  
Fé triumphante e viva,  
Tens mais um louro: alegra-te ;  
Que cerviz tão altiva  
Em deshonra do Golgotha  
Jamais se subjugou.

Longe, eia, pois, do túmulo  
A detracção ignara!  
O Deus que humilha os rigidos,  
Nos consola e ampara, (7)  
Do humilde leito tetrico  
Para si o chamou.







Á MORTE DE NAPOLEÃO

( DE JOSÉ RAMOS COELHO )

**M**ORREU ; bem como gelido  
Ficou, sem movimento,  
Dado o mortal anhelito,  
Orpham de tanto alento,  
Assim ferida, attonita  
Co' a nova a terra está ;  
Muda, na hora última  
Do homem fatal pensando,  
Não sabe quem tão válido,  
Como elle caminhando,  
Seu pó de sangue humido,  
Como elle, pisará.

Brilhante o viu no solio  
O genio meu, cahido  
Depois, depois no imperio,  
Depois em fim vencido,  
E do universo ao fremito  
Sua voz unir não fez.

Virgem de servo encómio,  
E de covarde insulto,  
Acorda ao sol esplendido,  
Tão de repente occulto,  
E solta á morte um cantico,  
Que é do porvir talvez.

Dos Alpes ás Pyramides,  
Do Rheno ao Manzanares,  
Raio, o veloz relampago  
Seguiu, rasgando os ares ;  
Troou de Scylla ao Tanais,  
De um mar a outro mar.

Foi verdadeira glória ?  
Aos tempos a sentença.  
Nós adoremos tímidos  
De Deus a fôrça immensa,  
Que n'elle quiz a maxima  
Sua obra apresentar.

O procelloso e trépido  
Prazer d'uma alta empreza,  
A ância de um peito indomito  
Que sonha a realeza,  
E a ganha, e alcança um prémio  
Que era loucura esp'rar,  
Tudo provou : a glória  
Maior depois do p'rigo,  
A fuga e a victória,  
O throno e o exilio imigo,  
No pó duas vezes, próspero  
Duas vezes sôbre o altar.

Appareceu ; dous seculos,  
Um contra o outro armado,  
Ante elle prosternaram-se  
Como aguardando o fado ;  
Impôz silencio, e árbitro  
Entre ambos se foi pôr.

Despareceu, e no ocio,  
N'uma ilha só no mundo  
Findou, alvo contínuo  
Da inveja e dó profundo,  
De inextinguivel ódio,  
E de indomado amor.

Qual sôbre a fronte ao náufrago  
Se enrola e cai pesada  
A vaga, d'onde o misero,  
Co'a vista alta alongada,  
Buscava em torno avido  
Praia longinqua em vão,

Tal n'aquella alma em cúmulo  
Tombaram mil memórias.  
Oh ! quanta vez aos posteros  
Tentou narrar suas glórias,  
E nas eternas páginas  
Cahiu sem força a mão !

Oh ! quantas no fim tacito  
De um dia sem proveito,  
No chão o olhar fulmineo,  
Os braços sôbre o peito,  
Inteiro o seu preterito  
Viu de repente erguer.

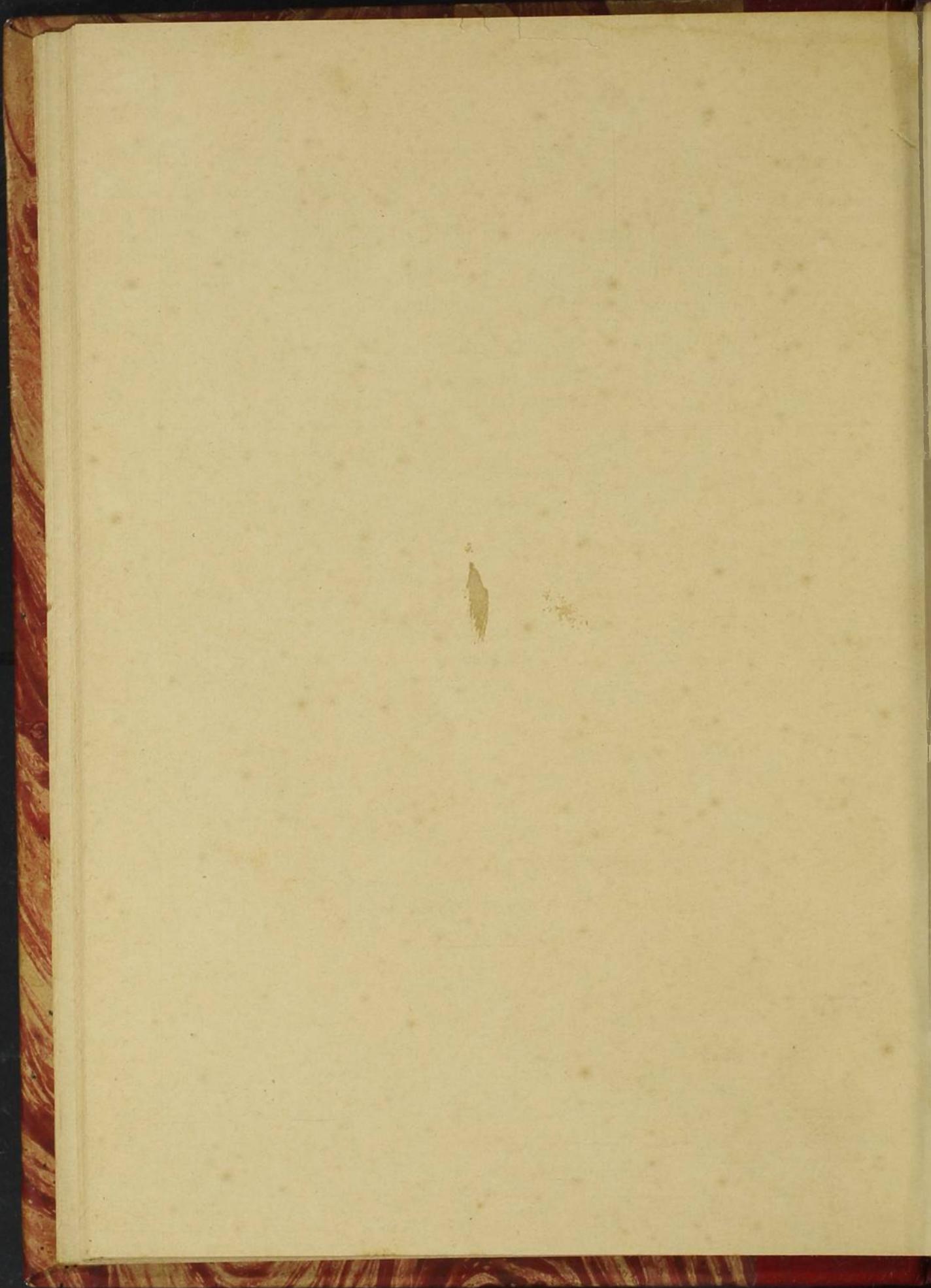
Lembrou as tendas móveis,  
Os valles resoando,  
Do aço o brilho trémulo,  
Os esquadrões ondeando,  
E o concitado imperio,  
E o prompto obedecer.

Ai! a tammanha mágoa  
Cedeu talvez afflicto,  
E desesp'rou; mas válido  
Braço desceu bemdito,  
E para outro ar mais limpido,  
Piedoso o transportou;  
E pelas sendas flóridas  
O conduziu da esp'rança  
Ao campo eterno, ao prémio  
Que mais que o anhelos alcança,  
Onde é negror, silencio  
A glória que passou.

Fé immortal, benefica  
De palmas bella e ufana,  
Mais um triumpho, alegra-te,  
Que nunca outra mundana  
Grandeza igual do Golgotha  
Á affronta se humilhou;

Exulta, e o resto exanime  
Guarda-lh'o da maldade;  
Quem mata, e abre os tumulos,  
Quem pune, e tem piedade,  
Deus do seu leito funebre  
Ao lado se assentou.







CINCO DE MAIO

(DE D. PEDRO DE ALCANTARA)

(IMPERADOR DO BRAZIL)

**M**ORREU, e, qual marmoreo,  
Sólto o postremo alento,  
O corpo jaz exanime  
Orpham d'um tal portento ;  
Assim surpresa, attonita  
A terra co'a nova está,

Muda pensando na última  
Hora do homem fatal,  
Nem sabe se tão célebre  
Planta de pé mortal  
Seu pó de sangue avido  
Inda pisar virá.

Fulgido sobre o solio  
Meu genio o viu; calou-se.  
Quando, por vezes várias,  
Cahiu, surgiu, prostrou-se,  
A minha voz d'innumeras  
Ouvido não terá.

Virgem de vil encómio  
E de covarde insulto  
Surge abalado ao subito  
Finar do ingente vulto,  
E sóta á urna um cantico  
Immorredor quissá.

Dos Alpes ás Pyramides (1)  
Do Manzanar ao Rheno  
Elle fuzila; e rapido  
Raio é o seu aceno.  
Troou de Scilla ao Tanais,  
D'um até outro mar.

(1) Escripto perto das pyramides de Ghizel, a 5 de  
Novembro de 1871.

*Nota do Traductor.*

Foi véra gloria? Aos posteros  
A ardua sentença: a nós  
Curvar a fronte ao Maximo  
Factor, que d'elle apoz  
Quiz de Seu Almo Espirito  
Rasto maior deixar.

O procelloso e trépido  
Prazer d'um grande plano,  
A ância de quem indomito  
Serve p'ra ser sob'rano,  
E o é; e ganha um prémio,  
Que era mania esp'rar;

Tudo provou: a glória  
Maior depois dos trances;  
A fuga, e a victória;  
Do paço e exilio os lances;  
Duas vezes no pó infimo;  
Duas vezes sôbre o altar.

Seu nome diz; dous seculos  
Um contra o outro armado,  
Humildes vão render-se-lhe,  
Como aguardando o fado.  
Impôz silencio, e árbitro  
Entre elles se sentou.

E foi-se. E os dias no ocio  
Em praia exigua finda;  
Alvo de inveja livida,  
E de piedade infinda;  
D'inextinguivel ódio,  
E amor, que não mudou.

Como a cabeça ao náufrago  
A onda vérga e envolve;  
Onda na qual o misero  
De cima a vista volve  
E a divisar esforça-se  
Praia remota em vão;

Tal da memória o cúmulo  
Sôbre aquella alma cai.  
Que vezes elle aos posteros  
A si narrar-se vai,  
E sôbre a eterna página  
Tomba a cansada mão !

Que vezes elle, ao tacito  
Morrer d'ignavo dia,  
Baixo o olhar fulmineo,  
Braços cruzados, via  
Os dias, que já foram-se,  
A mente lh' assaltar !

As móveis tendas lembram-lhe,  
Dos muros os abalos,  
Dos sabres os relampagos,  
A onda dos cavallos ;  
O concitado imperio,  
O prompto obedecer.

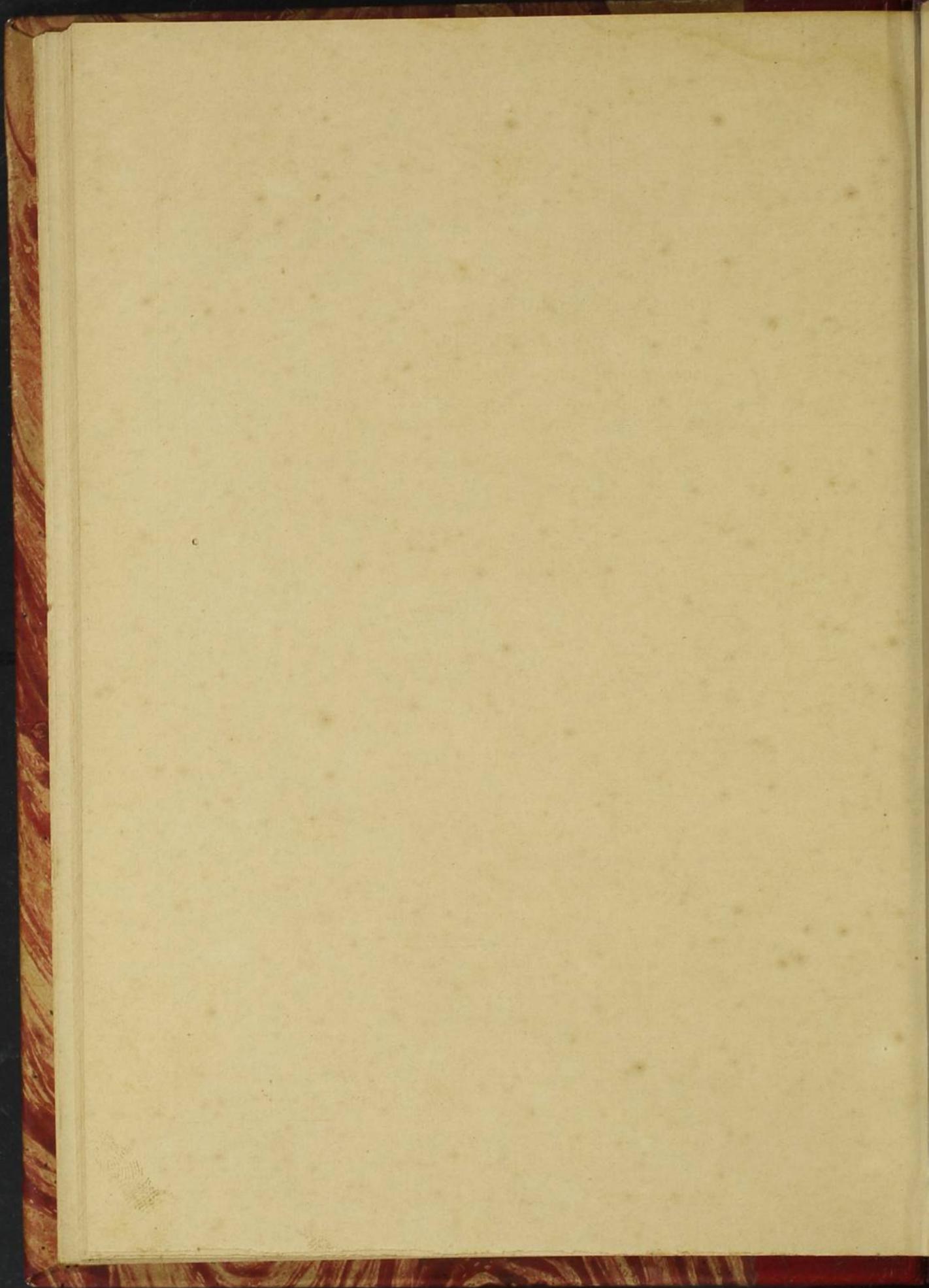
Talvez ao cru martyrio  
Cedeu o forte seio ;  
Desesperou; mas válido  
Braço celeste veio,  
E para um ar mais limpido  
Piedoso o transportou.

E guia-o pelos flóridos  
Trilhos da esperança,  
Ao campo eterno, ao prémio  
Que além do almejo avança,  
Onde é noite, é silencio  
A glória, que passou.

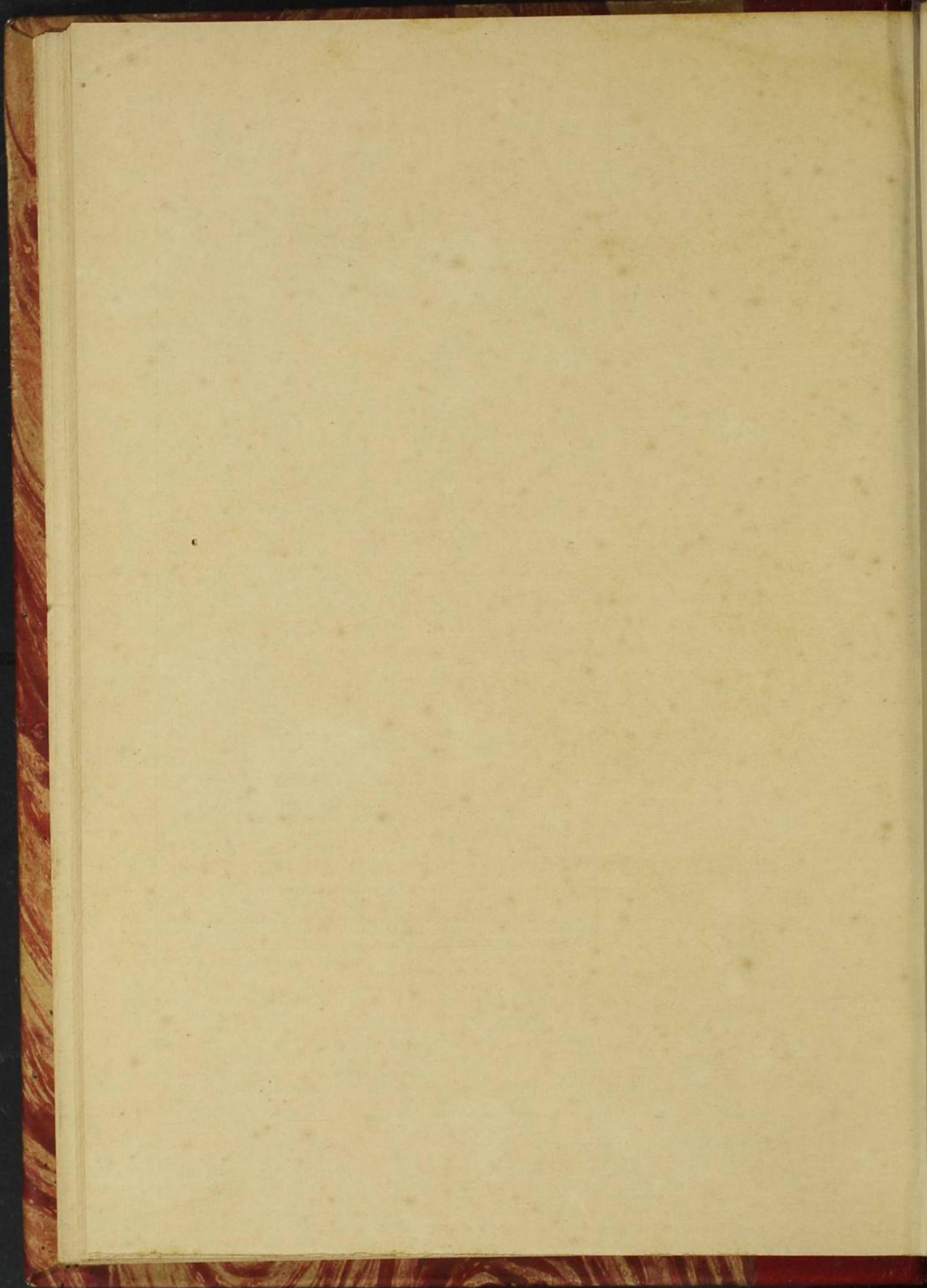
Bella, immortal, benefica  
Fé a vencer affeita,  
Inda isto escreve : alegra-te ;  
Que alteza mais eleita  
Ao deshonor do Golgotha  
Jamais se prosternou.

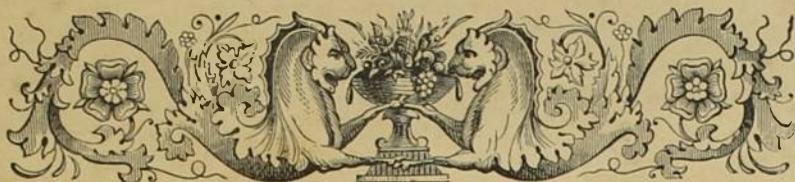
Tu d'estas cinzas frigidas  
O impio fallar isola.  
Deus, que te abate e eleva-te,  
Que afflige-te e consola,  
Sobre o deserto thalamo  
Ao lado seu pousou.





NOTAS





## NOTAS

### A—IL CINQUE MAGGIO, p. 23

A analyse mais perfeita da ode manzoniana é a que nos dá De Sanctis, o « príncipe dos modernos criticos italianos ». (1) Qualquer a póde ler na *Storia della Letteratura italiana*, e, por brevidade, d'ella apenas extractámos o seguinte trecho :

« Sono nove strofe (2), di cui ciascuna per la vastità della prospettiva è quasi un piccolo mondo, e te ne viene una impressione come da una piramide. A ciascuna strofa la statua muta di prospetto, ed è sempre colossale. L'occhio profondo e

(1) GREG. DE SIENA, op. cit., p. XXXII.

(2) « Em muitas edições da ode as estrophes são duplas e por isso apparecem nove; mas na edição revista por Manzoni (Milão, typ. de G. Redaelli, 1845), que eu segui, são dezoito de seis versos cada uma. » C. A. MESCHIA, op. cit., p. XIV, nota.

Guiámo'-nos tambem pela edição referida, respeitando a disposição typographica adoptada pelo auctor, e que é, como se vê do borrão autógrapho, a fôrma primitiva. Nas traducções, porém, acceitámos a variedade com que foram impressas.

rapido dell' ispirazione divora gli spazii, aggruppa gli anni, fonde gli avvenimenti, ti dà l'illusione dell' infinito. Le proporzioni sono ingrandite da un lavoro tutto di prospettiva nella maggior chiarezza e semplicità della espressione. Le immagini, le impressioni, i sentimenti, le forme, tra quella vastità d'orizzonti ingrandiscono anche loro, acquistano audacia di colori e di dimensioni. Trovi condensata la vita del grande uomo nelle sue geste, nella sua intimità, nella sua azione storica, ne' suoi effetti sui contemporanei, nella sua solitudine pensosa: immensa sintesi, dove precipitano gli avvenimenti e i secoli, come incalzati e attratti da una forza superiore, in quegli sdruccioli accavalantisi, appena frenati dalle rime. » Vol. II, p. 467-468.

*B—VERSÔES EM PORTUGUEZ, p. 31*

Vão transcriptas pela ordem chronologica. A 1<sup>a</sup> publicada foi a de F. A. de Varnhagen, a 2<sup>a</sup> a do Sr. J. Ramos Coelho, e a última a do augusto monarcha do Brazil.

« Das traducções que reimprimo — diz o Sr. C. A. Meschia no prefacio da sua collecção — as mais fiéis são, no genero, as latinas, as allemans e as portuguezas. Digo as mais fiéis, e não, de modo absoluto, as melhores, pois para julgar de seu pleno valor, tanto em si quanto consideradas respectivamente, necessitava ter em conta muitos outros elementos, os quaes estão fóra os limites da minha competencia ». P. xv.

## C—TRADUCÇÃO DE F. A. DE VARNHAGEN, p. 33

Encontra-se impressa na *Lysia Poetica*, serie segunda, (Rio de Janeiro, 1857;) mas não foi esta a sua primeira edição, conforme declara a apostyla á nota *N* (p. xcv).

Mau grado buscas nos periodicos litterarios e indagações de pessoas de memória fiel, não nos foi possível descobrir, nos poucos dias que tivemos á nossa disposição, o logar onde primitivamente se publicou.

Sendo já hoje rara aquella collectanea, (tão enriquecida de notas eruditas de Manuel de Mello, que o fatalissimo anno bissexto de 1884 inesperadamente nos arrebatou (1), com outros não menos estimaveis cultores das boas lettras) transcrevemos por inteira a citada apostyla, referente ao *Cinco de Maio*.

• O *Cinque Maggio*, uma das páginas admiraveis d'este seculo. •— Nenhuma hoje se verá citada com mais frequencia; nenhuma com abonos maiores do que ésta.

• Todos se recordam da pergunta do Sr. Latino Coelho naquelles espirituosos e scintillantes capitulos dos *Fac-cimile dos escriptores contemporaneos*, ensaios de chirographomania que a admiração dos homens de lettras da peninsula coroou de tão sincero applauso:

(1) Falleceu a 4 de Fevereiro, na cidade de Milão, patria de Manzoni, de quem foi sempre declarado admirador.

« É possível que Manzoni, escrevendo no alto de uma  
 • fôlha de papel a epigraphe solemne *Il Cinque Maggio*, para  
 • estillar alli toda a melancholia lyrica, e voejar ao redor do fe-  
 • retro de Sancta-Helena nos arrojos de uma saudação sublime,  
 • traçasse lettras similhantes ás em que, á mesma hora, o onze-  
 • nario lombardo, descrido de glórias e de heroes, crucificava as  
 • vítimas da sua indústria sacrilega e infamante? »

« A quantos, entretanto, a intimidade e a contemplação ex-  
 clusiva de Hugo, de Béranger, de Lamartine, Reboul, Musset,  
 Delavigne, ou Méry não conservam ainda hoje alheados da  
 collecção de *Inni Sacri* a que pertence a mais célebre de todas  
 as composições lyricas do auctor do *Conte di Carmagnola*, do  
*Adelchi*, da *Urania* e dos *Promessi Sposi* ?

« Não cremos, logo, trazer um presente vulgar estampando-a  
 aqui por inteiro, escrupulosamente apurada á face das licções  
 de Buttura, Ronna, e Baudry.

« Reproduziremos em seguida a traducção do sr. Francisco  
 Adolpho de Varnhagen, favor inestimavel para aquelles a quem  
 for extranho o italiano, *cet heureux écho de l'antique harmonie*,  
 como diz Villemain, a lingua

Del bel paese lá dove 'l si suona,

como dizem o cantor de Beatriz, e aquelle que, na expressão de  
 Frugoni, *ensinou o mundo a philosophar de amor.* »

\*

« Verdi, não pago de ensinar ás musas de Palestrina e  
 Beethoven a sublime imprecação do 2<sup>o</sup> acto do *Conte di Car-*

*magnola*, e de associar d'esta arte o seu estro ao de Manzoni na restauração dos coros da tragedia antiga, quiz dar ainda aos soluços epicos do *vale* ao prisioneiro de Sancta-Helena as vibrações de uma melopeia impressiva e apaixonada.

« Quem escreveu o *Ernani*, as últimas scenas do *Rigoletto*, a aria de Abigail do *Nabucco*, e os dous actos finaes do *Trovatore*, só esse, de feito, merecia traduzir o *Cinque Maggio* na lingua ecumenica de que o seculo décimo-oitavo se reputa a edade classica, de que o nosso é o evo philosophico, e de que só bem pôde dizer-se berço o seculo dezeseis,

Siècle mystérieux où la science sombre  
De l'antique dédale agonisait dans l'ombre,  
Tandis qu'à l'autre bout de l'horizon confus,  
Entre Tasse et Luther, ces deux chênes touffus,  
Sereine, et blanchissant de sa lumière pure  
Ton dôme merveilleux, ô sainte architecture,  
Dans ce ciel qu'Albert Dure admirait à l'écart,  
La musique montait, cette lune de l'art!

( V. HUGO. )

Reputação disputada hontem, e ja hoje, nos *ios* clamorosos das platéas, vingada dos amesquinhamentos da crítica, o auctor das *Vêpres Siciliennes*, do *Aroldo*, do *Simone Boccanera*, do *Ballo in Maschera*, e do *Re Lear*, « o agitador, o O' Connell da música », como lhe chama o sr. Palmeirim, assombra e avassalla o presente; terá o seu logar nos atrios da posteridade, ao lado de Meyerbeer, acima de Pacini e Mercadante; e, em contempto

das facções, chamem-se embora Fétis ou Scudo os seus oppugnadores, imperará no futuro, como imperam, a despeito dos folhetins e das malevolencias do seu tempo, Gluck e Mozart, a despeito de Beyle, Donizetti; como impera, a despeito ainda de mais altos, mais temerosos nomes—Paër! Berton! Spohr! Weber! — o mestre de Pesaro, o indolente sublime, o artista de eleição, o escurril, o audaz, o brilhante improvisador « cuja flexivel e poderosa mão percutiu simultaneamente as duas notas extremas do teclado, e fêz proromper a um tempo o riso de Beaumarchais e as lágrymas de Shakspeare. »

\*

« Nesta (a 4<sup>3</sup>) e em duas ou tres estrophes mais a traducção afasta-se visivelmente do seu exemplar.

« Um dia, esperámol-o, ser-nos-ha, talvez, permittido fazer ainda conhecida dos leitores d'esta chrestomathia a célebre versão do conde de Sabugal.

« Por hoje limitámo-nos a appor á interpretação do sr. Varnhagen alguns logares em que nos parece haver sido mais feliz a traducção que, ja depois de composta a fólha precedente, tivemos a fortuna de dever ao sr. dr. Luis Vicente De-Simoni, agora, como nos bellos dias da publicação dos *Carmes Epistolares* e do *Ramalhete Poetico*, todo possuido ainda do empenho de naturalizar entre nós os grandes poetas e paisanos seus, gruppó de cantores immortaes, constellação radiosa que alumia o ceu italiano. »

(1)

Brilhante o viu no solio  
Meu genio, e immudeceu.

(2)

O procelloso e trépido  
Prazer de um vasto plano,  
A ância de indocil ânimo  
Que ao throno aspira, e, ufano,  
O attinge e alcança um prémio  
Que insania era esperar,  
Tudo provou...

(3)

A régia, o, exilio triste.

(4)

Seu nome fêz. Dous seculos,  
Um contra o outro armados,  
Submissos invocaram-no,  
Como esperando os fados.

(5)

Ai! o anhelante espirito  
Á dor talvez cedeu ;  
Desesperou ; mas, válida,  
Veiu uma mão do ceu,  
E...

(6)

Que a todo o desejo excede.

(7)

Que afflige e que consola,  
Sôbre o deserto feretro  
Ao lado seu pousou.

D—TRADUCÇÃO DE J. RAMOS COELHO, p. 41

Foi primeiramente publicada no VI vol. do *Archivo Pittoresco*, de Lisboa (p. 310). Colligida depois no estimavel livro das *Novas Poesias* que o esclarecido traductor imprimiu no Porto, em 1866, d'ahi a extractámos.

No breve prólogo o Sr. Ramos Coelho escreveu : « a ode a Napoleão, de Manzoni, é julgada, por assim dizer, intraduzivel pela sua concisão e valentia, principalmente seguindo as grandes exigencias metricas do texto. » Nas notas acrescenta: « A respeito da versão d'esta bella ode, reputada quasi impossivel de reproduzir na nossa lingua, conservando a mesma fôrma e a mesma nervosa concisão do original, sahiu na *Correspondenza Letteraria*, de Turin, um artigo do Sr. Vegezzi Ruscalla, illustre traductor da *Marilia de Dirceu* de Gonzaga e do *Frei Luiz de Sousa* de Garrett . . . »

D'este artigo limitâmo'-nos a copiar o seguinte trecho :  
« . . . il Portogallo ha nel cav. Ramos Coelho un poeta così profondo conoscitore del nostro idioma, da far reputare di

nascita portoghese le poesie italiane ch' egli trasporta nel suo idioma natio. »

O Sr. Pinheiro Chagas, em um bello artigo publicado na *Revista Contemporanea* (vol. v, p. 534), sob a epigrapha: *A poesia italiana*, julga fidelissima a traducção do Sr. Ramos Coelho.

A mais arriscada empreza e de mais longo folego se aventurou em seguida o Sr. Ramos Coelho, trasladando em nossa lingua a *Gerusalemme Liberata* de Torquato Tasso, operosa tarefa que em Portugal lhe alcançou merecidos applausos, e á qual o mesmo competentissimo Sr. Vegezzi Ruscalla fez honrosa analyse e tributou altos encomios.

*E* — TRADUCÇÃO DE D. PEDRO DE ALCANTARA, p. 49

O Sr. Meschia juncta a seguinte nota a esta traducção:

« O autógrapho foi-me cortezmente mandado pelo Sr. cav. Pietro Brambilla, parente e herdeiro de Manzoni juncto com a carta que a acompanhava, tambem autógrapha, com a data: Napoles, 15 de Novembro de 1871. É inedita e publica-se com o consenso do augusto traductor. A dita carta será comprehendida no *Epistolario* manzoniano. »

A carta, porém, não foi impressa no 2º vol. do *Epistolario*, que contém a correspondencia de 1840 a 1873. E' possivel que o tenha sido no 3º (que ainda não recebemos), transtornada assim a ordem chronologica.

A traducção do *Cinque Maggio* não é de certo a primeira distracção poetica em que S. M. tem empregado os lazeres do seu grave officio de reinar. Entre esses trabalhos, conta-se uma versão do grego, nada menos que o *Prometheu* de Eschylo, de que o fallecido Dr. Duque-Estrada Teixeira leu trechos em duas conferências da Glória. (1) Diz-se ter tambem trasladado o v canto do *Inferno*, o formoso episodio de Francisca de Rimini, versão á qual gratos rumores segredam discretos applausos. (2)

(1) V. noticia d'essas conferências no *Jornal do Commercio* de 5 de Maio de 1874, p. 3, col. 6<sup>a</sup>, e de 23 de Junho do mesmo anno, p. 4, col. 1<sup>a</sup>.

(2) Vem de longe a sua predilecção pela obra do summo poeta florentino. « Suppomos não commetter censuravel imprudencia, reproduzindo alguns juizos por S. M. enunciados, n'um daquelles quasi familiares colloquios litterarios, que tanto e tão nobremente o deliciam. » Assim se exprime um seu elegante biographo no *Futuro*, periodico fundado nesta cidade por F. X. de Novaes. E depois de revelar em muito conceituosas phrases a opinião do Imperador ácerca das « mais fidalgas producções do engenho humano », eis as palavras que, em referencia á epopéa dantesca, elle attribue ao « imperial orador ».

« O, em todos os sentidos, primeiro poema da lingua italiana, a *Divina Comedia*, é das mais extraordinarias concepções. Affastados por mais de seis seculos daquelle idioma, daquellas allusões, daquellas obscuridades, que já no seu tempo o eram, não saboreâmos hoje a *Trilogia*, como fôra para desejar; mas por tal arte me enleva a sua leitura, que conservo de memória os mais notaveis de seus cantos. »—*Futuro*, 1 anno, pp. 48 a 50. (1<sup>o</sup> de Outubro de 1862.)

A biographia, por causa das iniciaes J. P. de C., é attribuida por alguns a uma dignidade da igreja; porém outros (acaso sob melhor fundamento?) julgam-n'a de penna mais levantada.



## INDICE

Proemio .....	PAG.	7
<i>Il Cinque Maggio</i> .....		23
VERSÕES EM PORTUGUEZ :		
I. De F. A. de Varnhagen .....		33
II. — J. Ramos Coelho .....		41
III. — D. Pedro de Alcantara (Imperador do Brazil).....		49
Notas.....		59

17063

